

LIVRO 3

PARAÍSO
PERDIDO





PRÓLOGO

Quinto Céu, antes do dilúvio

CERTAS HISTÓRIAS NÃO SERVEM PARA SER CONTADAS. OUTRAS SÃO TÃO INCRÍVEIS que sobrevivem ao desgaste do tempo, apesar da tentativa de apagá-las. Esse foi o caso dos sentinelas, anjos tão fiéis à palavra de Deus que dele receberam a graça de se atrelar aos mortais, de descer à Haled e copular com os terrenos.

Há muito tempo, antes do dilúvio, antes mesmo que os elohins assumissem seus postos na terra, Yahweh enviou ao Jardim do Éden o maior de seus anjos, a quem pediu que zelasse pelos homens como quem guarda seus filhos. O nome desse prodigioso celeste era Metatron, conhecido por uma dezena de títulos, entre eles O Anjo Supremo, O Rei dos Homens sobre a Terra ou ainda O Primeiro Anjo.

Ocorreu, porém, que em determinado período os cinco arcanjos, governantes supremos do universo, decidiram aniquilar a raça humana. Os sentinelas foram então convocados a ajudá-los nessa matança, entretanto Metatron e seus seguidores se recusaram. Miguel, o Príncipe dos Anjos, enviou seu irmão, Gabriel, para trazer à força o Rei dos Homens ao paraíso, mas por algum motivo ele acabou fracassando.

Desta feita, os sentinelas se tornaram inimigos do céu e foram declarados ilegais no plano físico, sob pena de morte. Era uma questão de honra que eles fossem exterminados e seu líder conduzido à justiça, caso contrário os arcanjos ficariam desmoralizados ante as legiões que comandavam.

Com a derrota de Gabriel, tanto Miguel quanto seu conselheiro, Lúcifer, a Estrela da Manhã, ficaram a deliberar sobre o que fariam a seguir. Depois de muitos dias e muitas noites, eles tiveram uma ideia. Parecia certo que essa era uma batalha de princípios, acima de tudo, em que o vitorioso seria não necessariamente o mais forte, e sim aquele com o coração mais sincero, que carregasse a causa que considerasse mais justa.

O mais dedicado dos celestes era à época um general chamado Ablon, da casta dos querubins, um formidável guerreiro disposto a tudo para agradar seus senhores. Lutador famoso e herói incansável, Ablon foi chamado ao Palácio Celestial para conferenciar com os gigantes. Quem o recebeu logo de entrada foi o Príncipe dos Anjos em pessoa, sentado em seu trono elevado, a armadura de prata brilhando, a espada de fogo na cinta, o rosto marcado por cicatrizes. Lúcifer estava com ele, acomodado em seu próprio assento, desarmado, não trajando nada além de uma túnica, as tranças louras descendo às costas, os olhos azuis muito profundos, as asas brancas como flocos de neve.

Ablon cruzou o portão e se ajoelhou perante seus chefes. Usava uma couraça dourada sobre o peito e trazia consigo uma espada. Os cabelos eram flavos, compridos, os olhos cinzentos, e a expressão tinha aspectos felinos, de um leão sempre atento, pronto a atacar num instante.

— Erga-se, general — era a voz de Miguel.

— Às ordens — Ablon se colocou de pé. Observou o salão, a bancada dos arautos e os tronos de Gabriel, Uziel e Rafael, agora desocupados.

— Reservamos para você uma missão, uma tarefa especial — inclinou-se para frente. — Imagino que saiba. O líder dos sentinelas continua a vagar pela terra, a conspirar tudo o que pregamos no céu. — E foi tão direto quanto podia: — Sua tarefa é descer à Haled e capturá-lo a todo custo.

— Será feito — anuiu. — Preferem que eu o traga vivo ou morto?

— Vivo — o arcanjo respondeu enfaticamente. — O Primeiro Anjo deve ser preso e escoltado à detenção na Gehenna. Já seus asseclas, caso os encontre, poderão ser mortos, como rebeldes que são. — E deu uma sugestão ao soldado: — Orion, o rei de Atlântida, poderá ajudá-lo em meu nome.

— Sim, senhor — Ablon moveu a cabeça, esperando o sinal para ir embora. Mas, antes, Lúcifer quebrou o silêncio e resolveu despejar um conselho.

— General, escute com atenção. Os sentinelas são astutos e traiçoeiros — afirmou. — Portanto, não importa o que aconteça, não o deixe falar — erigiu o dedo magro. — Deve pegá-lo antes que ele abra a boca, antes que ele articule uma palavra que seja — o tom ficou grave. — Está claro?

— Claríssimo.

— Muito bem — disse o príncipe. — Está dispensado, então. Boa sorte, guerreiro — fez um gesto indicando a saída. — Não nos desaponte agora.

O querubim contraiu as asas, deu meia-volta e deixou o palácio. Quando já ia longe, Miguel reparou que seu irmão guardava uma expressão relutante e o abordou.

— O que foi? — caminhou para fora do trono, contemplou os assentos vazios, circulou o grande salão. — Não confia em meus generais?

— Pelo contrário. Seus generais são magníficos — retrucou a Estrela da Manhã. — Confio neles sobremaneira — coçou o nariz. — Confio até demais.

— Então, o que o perturba?

— Sinceramente, não sei — o arcanjo Lúcifer alisou o queixo. Pensou no rosto de Ablon, naquela vontade inabalável, recordou-se de Metatron, com sua fabulosa retórica, olhou para o teto e declarou: — Difícil dizer, mas algo não está certo — suspirou. — Estou com um mau pressentimento.